

Professora Juliana de Souza Ramos
Mestranda em Antropologia -
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP

RITO DE PASSAGEM CONTEMPORÂNEO: ENSINO MÉDIO

2013

Juliana de Souza Ramos

e-mail: souzamosju@gmail.com

RESUMO

O objeto desta proposta de estudo são os Ritos de Passagem que permeiam hoje a vida de adolescentes, jovens e adultos na cidade de Diadema.

Identificamos traços similares entre a preparação para o vestibular ou exames semelhantes nas sociedades urbano-industriais e a realização de provas e dos ritos de passagem a se submetem adolescentes e jovens de ambos os sexos em muitas sociedades indígenas e afrodescendentes, para a conquista do status de adultos. Assim a preparação para o estágio adulto começa bem antes da realização do vestibular.

Ritos de passagem, marcam transições definitivas e definidoras de rumos. Mais que exigências culturais, os ritos de passagem são exigências da construção e da afirmação da identidade humana frente ao que o mundo nos apresenta. Diante deles, somos chamados a nos posicionar, a fazer escolhas, a agir com coragem na direção de algo novo, abandonando uma margem, muitas vezes, segura e conhecida.

Palavras chaves: Rito, Juventude, Escola, Vestibular.

ABSTRACT

The object of this proposed study are the Rites of Passage that now permeate the lives of adolescents and adults in the city of Diadema.

We identified similar traits between preparation for college entrance exams or in similar urban-industrial societies and the holding of trials and rites of passage to undergo adolescents and youths of both sexes in many indigenous societies and African descent, to the conquest of adult status . So the preparation for the adult stage begins well before the completion of college.

Rites of passage, marking transitions definitive and defining the directions. More than cultural demands the rites of passage are construction requirements and the affirmation of human identity in face of what the world presents us. Before them, we are called to stand, to make choices, to act with courage toward something new, leaving a margin often safe and known.

Keywords: Rite, Youth, School, Vestibular.

INTRODUÇÃO

A expressão francesa *rites de passage* foi adotada primeiramente por antropólogos e escritores europeus para definir todos os rituais e cerimônias que propiciam a passagem de uma pessoa para uma nova forma de vida ou um novo status social.

Segundo GENNEP (1978, p. 105), a partir da pesquisa sociológica, da análise da dinâmica social o pesquisador pode reconhecer dentro de uma multiplicidade de ações conscientemente realizadas ou implícitas, um padrão típico sempre recorrente, o padrão dos ritos de passagem. Esses devem ser estudados a partir de suas determinações originárias: os de separação, margem e agregação. Separação do grupo ou núcleo que fazia parte que pode ser acompanhado por um tipo de consagração que marca a saída; um período de margem onde a pessoa irá passar por ensinamentos, testes e provas a parte da sociedade, onde somente os iniciados ou sábios os auxiliam; e finalmente sua volta já “transformado”, para que se una novamente à sociedade já apto a pertencer a outro grupo, essa re-união muitas vezes é acompanhada de ações dessacralizadoras, como se a pessoa tivesse deixado uma esfera sagrada e voltasse ao mundo comum.

No caso específico dos ritos de passagem vividos pela juventude, infelizmente nas sociedades ditas modernas as celebrações foram sendo reduzidas, deturpadas ou mesmo esquecidas ao longo do século XX. Hoje, vivemos a busca de reformulação do ensino médio, através da busca de algo “novo e diferenciador” que vai desde o ambiente físico dessas escolas até sua didática voltada para o mercado de trabalho e preparo para os vestibulares e ENEM. Estas ações “rituais” contribuem para melhorar a auto-estima dos discentes e docentes, ratificam escala de valores sociais e escolar, bem como aumentam os laços de solidariedade entre os jovens, principalmente de baixa renda.

A primeira menstruação – menarca (palavra formada pela raiz grega men (mês, lua) e a palavra arkhe (começo), nos rituais ancestrais africanos assinalavam o reconhecimento da capacidade de conceber. Em reverência ao poder sagrado do sangue menstrual, as meninas ao ficarem menstruadas permaneciam recolhidas e isoladas por algum tempo, para refletir sobre a sua transformação em mulheres e aprender com as anciãs as suas novas responsabilidades. As canções e os instrumentos são responsabilidades das mulheres mais velhas, bem como as pinturas no rosto diferem as

mais velhas das mais novas, as primeiras devem ensinar a dança a partir da “cintura”, na verdade do ventre. As meninas devem repetir os cânticos e dançar como o coletivo.

Hoje, reconhecemos esse rito com algumas características modernas em Moçambique, chamado de “*Pambara*” de Angoche, província rural de Nampura, a base é a mesma, contudo foram acrescidas: roupas iguais ou parecidas entre as participantes, inicia-se na sala da casa somente com o chefe religioso da região e as mulheres da família, onde são feitas perguntas a jovem que deve responder de acordo com os ensinamentos passados por sua madrinha. Depois, no espaço coletivo a dança por si só é considerada um grande evento, uma festa com a duração de dois dias, onde são servidos almoço e jantar e onde todos podem participar independente do credo ou religião. Hoje, como muitos dos ritos de passagem podem durar dias e até meses enquanto o iniciado ainda está em idade escolar, às comunidades vem adaptando os ritos ao período de férias escolares.

No Brasil reconhecemos esse rito de passagem de maneira genérica nas festas de debutantes, bem como nas regiões rurais ou de forte ligação as tradições ancestrais, com os mesmo símbolos e elementos de maneira mais ou menos explícita. Como a utilização e formação do círculo pelos convidados, dos presentes que representam a nova fase e nos conselhos escritos para ser guardados para a posteridade, a dança com os membros da família e posteriormente com o “novo” representado por um jovem ou mesmo namorado. Em grupos com forte ligação ancestral Ioruba, é realizada uma lavagem ritualística dos pés das jovens pelas mães ou suas representantes, para retirar os resíduos da infância, cortando também simbolicamente o cordão umbilical para permitir sua livre caminhada como mulheres.

Ensino Médio ontem e hoje

A educação secundária no Brasil era considerada, até alguns anos atrás, o nível de ensino mais esquecido das políticas públicas educacionais no Brasil. Visto como um ritual de passagem ao nível superior, até meados dos anos 1980 o secundário foi historicamente um segmento destinado à educação das elites. O atraso escolar de nosso país era imenso ainda em 1994, onde apenas pouco mais de 50% dos alunos concluíam as oito séries do ensino fundamental obrigatório, levando em média 12 anos para fazê-lo devido à cultura da repetência prevalecente.

Em 1990 inaugura-se um novo ciclo da educação brasileira, com a democratização do acesso ao ensino fundamental e a enorme expansão do nível médio, essa expansão veio acompanhada da implantação de um novo sistema de avaliação o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e de ampla reforma curricular, exemplo a inserção das disciplinas Sociologia e Filosofia em 2008 pelo governo federal).

“Cabe ressaltar que em 1995 (...), mais de 70% dos 4,9 milhões de alunos matriculados no ensino médio frequentavam escolas noturnas, porque a oferta era predominantemente no período da noite, aproveitando espaços ociosos das escolas de ensino fundamental. Do total de alunos matriculados, mais de 50% cursavam o ensino médio profissionalizante, que, na verdade, não profissionalizava nem tampouco oferecia boa educação geral. As boas escolas ofereciam como ensino médio um curso preparatório para os exames de acesso ao ensino superior. O vestibular era o grande “exame” de avaliação do ensino médio brasileiro e praticamente restrito às classes média e alta”. (CASTRO e TIEZZI, p. 116.)

Hoje, alguns anos depois dessa análise, percebemos que do “grande salto” na década de noventa pouco se avançou com relação às escolas públicas, no caso específico do estado de São Paulo.

Ensino Médio: o grande rito de passagem moderno da juventude

Inicialmente, precisamos compreender o trabalho do docente e as ações dos discentes na escola como um grande conjunto dentro da prática de ensino, que por si só é um rito de passagem. Isto significa considerá-la, tal como sugere MONTEIRO (2002, p. 49), um momento de distanciamento, privilegiado na constituição da profissionalidade, possibilitando reflexões sobre as atividades desenvolvidas. Do ponto de vista antropológico, um ritual de passagem refere-se à passagem de um indivíduo de um status social a outro no decorrer da sua vida. Por mais diversos que sejam, apresentam as três fases já desdobradas na introdução: separação, liminaridade e agregação.

A fase de trânsito é ambígua, na qual se experimenta uma condição liminar interestrutural em que se opera uma transformação. Período reflexivo em que os discentes são encorajados a pensar sobre sua sociedade, sua inserção e posição na

mesma, seu cosmos e poderes que geram e sustentam. Para Turner, entre a pessoa de antes e depois opera-se uma transformação.

O ritual como um tipo de linguagem, um modo de dizer coisas, na medida em que não só incorpora, mas expressa concepções e valores sociais, religiosos, políticos, econômicos importantes para a sociedade que o pratica. Utilizando-nos desta perspectiva, destacamos o processo como um período de intensas passagens que são vivenciadas pelos jovens durante esse período do seu desenvolvimento.

O jovem vive um período novo em sua vida, buscando, encontrar como definir o seu papel dentro do círculo social no qual está inserido. Nessa nova fase de transição da infância para idade adulta, novas relações interpessoais são vivenciadas e estabelecidas, por meio da interação dentro de um grupo de iguais. Nesta fase temos a morte da criança para o nascimento do ser adulto, abrindo-se uma janela cronológica oportuna para a ocorrência de rituais, que serão elaborados e vivenciados pelos jovens, importantes para a construção e consolidação da sua identidade e papel social.

Como ocorrem nos grupos humanos em todas as passagens, os rituais de iniciação são um elemento interessante na questão da relação entre os jovens e a sociedade, presentes em diferentes formas, em todas as culturas, desde aquelas que chamamos de primitivas até as consideradas modernas.

É relevante, neste período de amadurecimento, a busca por uma identidade adulta, que se apresenta estruturada nas primeiras relações afetivas que estes tiveram no âmbito familiar, adequando-as, entretanto, a realidade atual, durante a sua interação com o meio.

Os sentimentos adversos advindos das modificações corporais tornam-se comuns entre os adolescentes, os quais experimentam essas passagens evolutivas, possuindo uma mente infantil residente, entretanto em um corpo que vai aproximando-se do estereótipo adulto, levando ao surgimento de alternância de fases que podem ser retratadas como períodos de negação, fuga, revolta, depressão, elaboração, aceitação, timidez, apatia, urgência, conflitos afetivos, crises religiosas e erotismo exacerbado, constituindo um conjunto de acontecimentos denominados de entidade semipatológica. Representa, desta maneira um momento essencial de transformação, transposição e auto-afirmação pelas quais o adolescente vai vivenciar, aquilo que era novo deixara de ser, dando lugar para novas experiências e vivências que contribuam para seu amadurecimento.

Bibliografia

- BRASIL. Ministério da Educação. SEMTEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino médio**. Área Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília, 1999.
- CASTRO, Maria Helena Guimarães de e TIEZZI, Sergio. **Desafios de Educação no Brasil**. Seminário NUPPs - Núcleo de Pesquisa de Políticas Públicas da Universidade de São Paulo em 15/04/2005.
- DAMATTA, Roberto. **Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade**. Mana, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, Apr. 2000 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132000000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 de outubro de 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132000000100001>.
- DOSSE, François. **História do Estruturalismo I. O Campo do Signo**, 1945/1966. São Paulo: Editora da Unicamp/Editora Ensaio. 2º edição. 1993.
- DURHAM, Eunice R. **Cultura e ideologia**. São Paulo: USP, Mimeo, 1980.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução de J. Rodrigues Meréje. São Paulo: Companhia Editora Brasileira, 1937.
- FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1979.
- GENNEP, Van Arnold. **Os Ritos de Passagem**. Coleção Antropologia, Petrópolis: Vozes, 1978.
- MONTEIRO, Ana Maria. **A prática de ensino e a produção de saberes na escola**. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). Didática, currículo e saberes escolares. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred. **O método comparativo em Antropologia Social" In Radcliffe-Brown: Antropologia**. São Paulo: Ática, 1978. Coletânea de Julio Cezar Mellati (org.) Grandes Cientistas Sociais, nº03.
- RIVIÈRE, Claude. **Os ritos profanos**, Petrópolis: Vozes, 1997.
- TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- <http://www.mozambique-tradicional.com/RITOS-DE-INICIA%C3%87%C3%83O.php>. Acesso em 12 de outubro de 2011.